

**Rosane de Souza**  
UFSC  
rosanemay@hotmail.com

**Raquel da Silva Yee**  
UFSC  
yeeraquel@yahoo.com.br

## **Entrevista com o tradutor Manuel Odorico Mendes**

“A primeira vez que em nossa língua aparece Homero sem ser em fragmentos”

**Resumo:** Trata-se de expor, neste trabalho, o processo que nos conduziu a localizar, quase que ao acaso, um importante documento, relativamente esquecido que, no entanto, compõe peça fundamental para recompor parte da história da língua portuguesa. Mais que isso, o referido texto expõe fragmentos do olhar de um importante tradutor sobre a prática tradutória. O autor, tradutor, Manuel Odorico Mendes, é retomado aqui com todo seu esplendor. No âmbito deste ensaio, seu escrito é apresentado sob a forma de “entrevista”, aliás, artifício bastante empregado na área de tradução. Neste caso, naturalmente respeita-se, na íntegra, a composição do autor, resgatando, desta forma, esta peça destacada, há muito, de seu conjunto. Lançam-se aqui novos pilares para estudos na área da história da língua e para os estudos em tradução, bem como para a recomposição do imenso quebra cabeça que constitui o arquivo histórico nacional.

**Palavras-chaves:** História da tradução, reconstituição, pesquisa (investigação).

**Abstract:** It is treated to display, in this work, the process that led us to find, almost that to perhaps, an important document, relatively forgotten that, however, it composes basic part for recompor part of the history of the Portuguese language. More than this, the related text displays fragmentos of the look of an important translator on the practical tradutória. The author, translator, Manuel Odorico Mendes, are retaken here with all its esplendor. In the scope of this assay, its writing is presented under the form of “interview”, by

the way, artifice sufficiently used in the translation area. In this in case that, of course it is respected, in the complete one, the composition of the author, rescuing, in such a way, this detached part, has very, of its set. New pillars for studies in the area of the history of the language and for the studies in translation are launched here, as well as for the resetting of the immense breaking head that constitutes the national historical archive.

**Keywords:** History of the translation, reconstitution, research (inquiry).

## 1. O encontro com o autor

Na intenção de coletar dados para subsidiar pesquisa de mestrado sobre as traduções realizadas por D. Pedro II, acessamos no arquivo do Museu Imperial de Petrópolis, no mês de julho 2008, alguns manuscritos do Imperador, entre eles, o original da tradução da *Ilíada*. O trabalho nos instigou a leitura tanto por tratar-se de um clássico traduzido no século XIX, como por estar redigido com caligrafia singular que nos chamou a atenção.

Iniciamos a leitura do texto a partir da exposição inicial do autor sobre uma “Brevíssima notícia de Homero”. O trabalho, mesmo escrito em português “arcaico”, nos permitiu uma leitura fluente e instigante. A maneira com que o autor aborda peculiaridades da vida de Homero conduziu a supor grande erudição sob as linhas e bastidores do texto, remetendo a imagem de um exímio escritor e conhecedor da literatura clássica.

Fato curioso ficou, no entanto, ressaltado: aquela não parecia ser a caligrafia de Dom Pedro II, tampouco a maneira como estava organizada correspondia a sua prática de registro. A leitura do prólogo viria corroborar nossas suposições, revelando concomitantemente, um fato novo para a história, ou seja, constatamos que a obra não pertence efetivamente a Dom Pedro II, mas ao irmão “*de uma tal*” Dona Melitina Jansen Muller. Essa inquietação nos motivou a uma série de investigações posteriores no sentido de situar este nome. No decorrer dessas pesquisas verificamos que Melitina Jansen Muller era irmã de Manuel Odorico Mendes. Ele mesmo, o primeiro tradutor brasileiro dos clássicos de Virgílio e Homero.

Dando prosseguimento à investigação, entramos em contato com a direção do arquivo histórico do Museu Imperial e, em resposta, nos informaram que nos documentos pertencentes a família imperial havia um requerimento <sup>1</sup>de 13/05/1871 postado por Melitina Jansen Muller

e endereçado a Dom Pedro II, solicitando a devolução dos manuscritos do irmão.

Este documento atesta assim que a obra que tínhamos em nossas mãos, e que num primeiro instante pensávamos se tratar de uma tradução de D. Pedro II era, na verdade, o manuscrito original da primeira tradução da *Ilíada* realizada por Manuel Odorico Mendes.

Após a descoberta, direcionamos a atenção para Manuel Odorico Mendes, recorrendo particularmente ao grupo de pesquisadores da UNICAMP que desenvolve trabalhos sobre a vida e obra deste autor. Estes nos informaram que não possuem conhecimento do manuscrito original, mas tão somente da primeira edição traduzida da *Ilíada* sendo que nesta, não constam as considerações do tradutor, como veremos abaixo, sobre o seu método de tradução e sobre a vida de Homero.

Evidentemente, após a análise de todas as informações coletadas, constatamos que se tratava de um dado desconhecido, pois esta documentação estava catalogada como pertencente a Dom Pedro II, tornando sua localização científica um verdadeiro trabalho de detetive que, em nosso caso, decorreu de interesse e curiosidade maior.

Neste sentido, no intuito de partilharmos as impressões de Manuel Odorico Mendes sobre o seu método de tradução e sobre a vida de Homero, decidimos, apresentar a obra em primeira mão, empregando um artifício ficcional, isto é, uma entrevista póstuma com o autor. O mecanismo adotado, naturalmente conforma nossos questionamentos àquilo que consta no texto original. Tomamos extremo zelo em preservar sua escrita de modo amplo, colocando entre parênteses pouquíssimas unidades, por hora, de difícil decifração.

## 2. Entrevistando Manuel Odorico Mendes

Entrevistadoras – O que o motivou a realizar a tradução da *Ilíada*?

Manuel Odorico Mendes - *He mui provavel que não me lembrasse da Ilíada, se minha irmã do lado materno D. Melitina Jasen Muller, apaixonada de Homero que lera em francez, assim não me dicesse:*

*“Depois de teres traduzido Virgilio, ou compõe obra tua, ou traduze a Iliada.” Quanto a compôr obra minha, sei bem que a um homem de sessenta annos já falta imaginação, e que tudo que eu produzisse, a não ser inteiramente insípido, seria medíocre; e de poesias medíocres há excessiva quantidade.*

E – Qual foi o método utilizado para desenvolver a tradução?

M.O.M - *Como distinguia ainda se o que se me apresentava era verbo ou outra*

*parte da oração, procurava todas as palavras gregas nos dicionários, e guiado pela interpretação latina, alinhavava a minha versão; depois consultava as de Mme. Dacier, Bigman, Rochefot, Giguët, Salvini, Manti, Mancini e outros, e se alguma dellas me advertia de qualquer falta ou esquecimento, reformava a minha, tornando a consultar o original, a interpretação latina, commentadores etc. Isto me fazia marchar lentamente, e houve dia que apenas apurava oito ou dez versos. Quando, com este methodo, consegui os tres primeiros livros, li-os ao mencionado heilenista, que he o Sr Joaquim Caetano da Silva; e elle, tendo-as combinado com o texto, animou-me a continuar.*

E – Ao se propor a traduzir a *Iliada* você já possuía domínio da língua grega?

M.O.D - *Quanto a Iliada, havia eu a desgraça de saber quasi nada do grego, pois do pouco aprendido em Coimbra tinha me esquecido a maior parte. Consultei um amigo helenista, e elle sinceramente achou a empresa muito acima das minhas forças. Porem minha irmã insistiu, animou-me a estudar o grego, e eu lancei-me a Homero. A repugnancia em reaprender verbos, dialectos e tantas miudezas, desalentou-me; mas, sempre instado, adaptei o methodo (...)*

E – “É uma regra já assentada que deve o tradutor saber igualmente a língua original e a sua”. Qual sua opinião sobre isso?

M.O.M - *Eu opino que, se lhe basta saber a do original como um forçoso lhe he saber da própria em dobro ou tresdobro. Quando se me apresentar, v.g., um trecho de versos, ainda que não conheça todas as palavras, posso buscal-as nos dicionarios, consultar comentadores, críticos etc.; mas os termos da propria língua, se não vem immediatamente á nossa memoria, como he que os havemos de procurar? Para bem traduzirmos em português, cumpre d’antemão e com afinco termol-o estudado, conhecer em grande parte os vocabulos; afim que nos ocorram immediatamente e sem custo.*

E – Quanto a Homero, o que você acha sobre a contestação de alguns autores sobre sua real existência?

M.O.M . *Para mim sam futeis e meros jogos de espirito os argumentos com que se pretende provar que Homero não existiu; que se enganaram todos os que até lhe ergueram templos e altares; que toda antiguidade esteve no erro; Eu porem sou de voto que elle existiu e que provavelmente nasceu em Smyrna: Chio, que ao depois tem mais direito de reclamar-o, finda-se em dizer Homero, em um dos hymss que era habitante daquel-a ilha; mas um homem pode habitar num paiz sem ter ali nascido, e o mesmo texto he contra producentem, porque, dalli fosse, diria Sou de Chio e não Habito em Chio. Ha uma objecção a Smyr-*

*na, e he que, se fosse desta cidade, era Asiático, e não decantaria a guerra de Troia, que he na Ásia e foi vencida pelos Europeus.*

E – O que você pensa sobre a discussão da autoria das obras *Ilíada* e da *Odisséia*? “Seria possível que a *Ilíada* seja obra de um poeta e a *Odisséia* de outro”?

M.O.M - *mas he impossivel que seja cada uma de mais de um autor, pela admiravel connexão do seu todo. E parece bem que sam de um mesmo poeta; porque, apesar da muitíssima diferença de assumptos, acha-se em ambos os poemas um ar de parentesco inegavel. As repetições, de que se tem querido tirar prova contra a unidade de tals obras, nada servem ao intento: os Asiaticos (notem-se os mesmos do Velho testamento e ainda do Novo) gostavam de repetições; nesta, que hoje nos parece imperdoavel defeito, não o era naquelles tempos. Se ha um progresso entre a *Ilíada* e a *Odysséa*, isso não admira, porque uma foi parte da mocidade e outra da velhice; e Homero, que tinha o habito de observar e adquirir conhecimentos, foi sempre argumentando os seus e enriquecendo a sua razão. Não me quero estender; basta-me declarar o que sinto sobre este ponto: a materia tem sido ampla e doutamente ventilada por muitos, cujos livros comporiam uma não pequena bibliotheca.*

E – Qual seu próximo projeto de tradução?

M.O.M - (...) *espero tambem verter a *Odysséa*, se a morte não vier atalhar projectos concebidos na minha idade.*

Entrevistadoras – Muito obrigado. Daqui há alguns anos, provavelmente em 2009 ou 2010, essa entrevista será publicada e poderá ser apreciada por várias gerações de novos pesquisadores da área da tradução que, por sua vez, poderão apreciar vossos esforços em enviar para o futuro vossos trabalhos e vossas concepções sobre a tradução. Finalmente, agradecemos também aos esforços de sua querida irmã que, sabemos, sempre foi uma de suas grandes incentivadoras e admiradoras, a pessoa que buscou com grande zelo garantir a manutenção de suas obras.

### **3. Considerações finais**

Passados dois séculos de estudos literários no Brasil, particularmente portando sobre a obra de Homero, consideramos que o achado do manuscrito original da tradução da *Ilíada* traz à tona novas perspectivas para os estudos literários e, principalmente para os estudos em tradução literária.

Através dos escritos de Manuel Odorico Mendes percebemos que questões envolvidas nas práticas tradutórias realizadas no século XIX ainda são relevantes para melhor entendimento do papel do tradutor na contemporaneidade. O prólogo apresentado pelo tradutor nos remete a uma exposição detalhada do seus métodos e de algumas implicações que influenciaram sua prática tradutória.

As considerações de Odorico sobre a vida de Homero evidenciam que o seu trabalho ultrapassou os obstáculos lingüísticos, pois envolveu pesquisas com tradutores renomados<sup>2</sup>, como Anton Maria Salvini, Darcier, entre outros. O relato abordou peculiaridades históricas e culturais que envolvem a obra original e ainda foi submetido, na época, ao aval do professor de Retórica e Grego, Joaquim Caetano da Silva<sup>3</sup>. Diante desses fatos, nos questionamos sobre as razões para que o prólogo e a “brevíssima notícia de Homero” não conste da publicação brasileira da tradução da *Ilíada*?

Devido à importância de Manuel Odorico Mendes para o enriquecimento da cultura literária do Brasil, através das análises dos dados coletados para esse estudo, entendemos o quão desafiante é traduzir um clássico e o quanto esse trabalho precisa ser valorizado para que tenhamos consciência de que as leituras que realizamos de autores estrangeiros são resultados da sensibilidade do árduo trabalho de tradutores muitas vezes relegados ao anonimato.

## Notas

1. Requerimento arquivado na pasta de documentação do Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis - RJ (Maço 160-Doc. 7415).
2. Pesquisa realizada no acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em:
3. <http://www.bn.pt/sobre-a-bn/sobre-a-bn.html>. Acesso em 09 de setembro de 2008.
4. Biblioteca virtual de literatura. Disponível em: [www.biblio.com.br](http://www.biblio.com.br). Acesso em 09 de setembro de 2008.
5. Agradecemos o acaso dessa descoberta ao dedicado trabalho de preservação dos manuscritos históricos do Museu Imperial de Petrópolis RJ, em especial, a Dra. Fátima Argon, que nos auxiliou nas pesquisas e da mesma forma, ao Grupo de Pesquisas de Odorico Mendes - IEL / UNICAMP pelos dados fornecidos.